Considerações Finais

*“Sem preconceito ou mania de passado,
Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar,
Faça como o velho marinheiro
Que durante o nevoeiro
Leva o barco devagar”.*
Paulinho da Viola

Este trabalho teve como objetivo fazer um levantamento e tecer considerações sobre o entendimento do afeto em psicanálise. Tendo como ponto de partida a obra de Freud, percorreu a elaboração do conceito através do desenvolvimento dos textos freudianos, de onde foi possível extrair não apenas os seus diferentes estatutos, mas também as suas limitações e seus impasses para a articulação com as experiências afetivas ocorridas tanto na clínica quanto na vida cotidiana.

Desde o início, esses impasses estiveram associados às concepções quantitativa e dualista do horizonte conceitual freudiano, pressupostos de base da construção teórica psicanalítica (metapsicologia). A metapsicologia, interessada em se ocupar do funcionamento do aparelho psíquico, a partir dos pontos de vista tópico, dinâmico e econômico, acabou negligenciando, dessa maneira, os conceitos limítrofes e exteriores a ela, tais como o corpo, os afetos e as pulsões.

A partir dos trabalhos de Ferenczi, principalmente dos conceitos de introjeção e trauma e da perspectiva utraquista de sua proposição bioanalítica, buscou-se ampliar a discussão em torno do afeto em psicanálise, por perceber sutis, porém, significativas diferenças em relação à teoria freudiana. Apesar das reformulações teóricas e das inovações técnicas propostas por Ferenczi, no sentido de atenuar e nuançar as fronteiras estabelecidas pela metapsicologia, a manutenção da concepção dualista continuou a se apresentar com um impedimento teórico para o desenvolvimento da compreensão sobre o afeto.

Acredito, contudo, ser importante destacar a genialidade da obra destes dois autores, pioneiros da psicanálise, inquietos e criativos, que mantiveram permanentemente o interesse incansável e crítico de empreender revisões e reformulações em suas próprias postulações. Ambos estiveram constantemente abertos ao diálogo com as produções científicas e filosóficas de sua época e com o

olhar atento sobre o mundo em que viviam. Essa vivacidade certamente foi inspiração para este trabalho, que se debruçou sobre a produção destes dois gigantes pensadores da psicanálise com enorme interesse, reverência e prazer, sem perder, porém, o distanciamento crítico necessário.

Como foi assinalado algumas vezes durante o trabalho, entendo que um dos problemas atuais do campo psicanalítico é justamente o de tomar a produção de seus grandes autores de maneira dogmática, com pouca reflexão sobre a necessidade de se abrir para o diálogo com outros campos de saber e empreender reformulações em suas teorias e práticas, sob o risco de perder o bonde da história.

As aceleradas transformações na sociedade nas últimas décadas, principalmente no que se refere ao avanço tecnológico e científico, apontam para mudanças assustadoramente grandes para os próximos anos e décadas. É necessário que o campo psicanalítico se posicione diante desta perspectiva de novos cenários, não apenas com críticas (e “interpretações”) sobre os processos que estão em jogo, mas com um reposicionamento de suas posturas teóricas, clínicas e institucionais. Estou me referindo mais especificamente às transformações que dizem respeito diretamente à psicanálise, como, por exemplo, o incremento da produção, do uso e do consumo de psicotrópicos, as pesquisas sobre o cérebro e as diversas possibilidades que se abrem com a pesquisa genética, com a promessa (ou ameaça?) de revolução no modo de tratar e entender as doenças e, até mesmo, o sofrimento humano. Isso não apenas desde o ponto de vista teórico ou clínico, mas também político, jurídico, ético etc.

Neste novo horizonte, a ampliação da discussão sobre o afeto com outros autores e outros campos de saber foi indispensável para poder pensar a crítica a certa tradição no pensamento ocidental, intensificada pelo projeto científico e filosófico moderno, produtora de dicotomias e dualismos, como razão-emoção, homem (cultura)-natureza, mente-corpo, sujeito-objeto, entre outros. A possibilidade de diálogo entre os saberes ao questionar as fronteiras estabelecidas ao longo da história do pensamento foi fundamental para poder pensar o afeto, dentro da perspectiva psicanalítica, porém, sem precisar recorrer a concepções dualistas. Dessa maneira, foi possível incluir no entendimento do afeto as categorias que haviam sido negligenciadas pela metapsicologia e poder pensar a

experiência afetiva a partir do corpo e de suas potencialidades (diversas, múltiplas, plurais). Essa proposta, que leva em conta uma visão de primazia do corpo, de modo algum, pretende negar as experiências e as vivências subjetivas. Logo, rechaça o rótulo de monísta ou reducionista. Espera, tão somente, buscar um entendimento que desfaça a confusão criada com a noção de psiquismo (e os seus muitos usos e significados) e o desprezo do corpo. Inclui em sua proposta, por exemplo, o pensamento e a memória como modos (expressivos) e produtos do corpo.

Os afetos, portanto, podem ser pensados a partir das sensações, percepções, das marcas e impressões (corporais), que afetaram o corpo do indivíduo ao longo de sua vida, e que se produzem e se alteram (junto com criações e as alterações dos estados corporais) constantemente, no encontro do indivíduo com o meio, em diferentes contextos e situações ambientais, sociais e culturais, levando em consideração o encontro e a interação entre os corpos e os movimentos dos pólos impressivos e expressivos da experiência afetiva.

Volto a afirmar que as “conclusões” a que chegou este trabalho são ainda muito recentes e carecem de um aprofundamento teórico mais consistente, principalmente, para saber se é viável repensar a teoria e a prática psicanalítica a partir dessas novas considerações. No entanto, enfatizo que elas foram o resultado de intensa reflexão teórica, em articulação com as observações clínicas, através do diálogo com os diferentes autores e campos de saber. Para finalizar, e poder abrir a discussão, a investigação e o debate, sou obrigado a reconhecer que ela não se trata propriamente de uma novidade, e que sua única estranheza está em querer estabelecer-se como uma proposta no interior do campo psicanalítico.